

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL – UFFS  
CAMPUS CHAPECÓ – SC – BRASIL  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PLANO INSTITUCIONAL DE AFASTAMENTO PARA CAPACITAÇÃO  
DOCENTE

Fernando Vojniak

RELATÓRIO DE PÓS DOUTORADO  
PROJETO INTITULADO  
**CONSIDERAÇÕES SOBRE HISTÓRIA EM JACQUES RANCIÈRE:**  
TEMPORALIDADES E DESIDENTIFICAÇÃO

Chapecó

2022

## Sumário

<b>RESUMO</b> .....	<b>3</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>4</b>
<b>REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b> .....	<b>11</b>
<b>OBJETIVO GERAL</b> .....	<b>19</b>
<i>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</i> .....	<i>19</i>
<b>CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO E PLANO DE ATIVIDADES (ATIVIDADES REALIZADAS)</b> .....	<b>22</b>
<b>RELEVÂNCIA DA REALIZAÇÃO DO ESTÁGIO NO EXTERIOR</b> .....	<b>23</b>
<b>RESULTADOS E PRODUTOS</b> .....	<b>24</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>25</b>

## RESUMO

Jacques Rancière (1940), Professor Emérito da *Université Paris 8 – Vincennes-Saint-Denis*, tem uma relação antiga com a história, remete aos seus primeiros escritos do final dos anos 1960 e começos dos anos 1970, quando passou a se ocupar em publicar algumas críticas ao pensamento de Louis Althusser (1918-1990), seu antigo mestre na Escola Normal Superior, em Paris. Ali, entre outras, estavam em jogo questões sobre o sujeito da história. Embora menos aparentes nos estudos sobre o pensamento de Rancière, suas considerações no campo da escrita da história não são apenas antigas, mas também persistentes, pois atravessam praticamente toda sua obra e aparecem em, pelo menos, duas formas distintas e complementares: de um lado, de forma mais explícita, os problemas historiográficos estão em questão, em primeiro lugar, na sua “militância” acadêmica no coletivo *Révoltes Logiques* [Revoltas Lógicas], que ajudou a fundar e que fez circular periódico homônimo entre 1975 e 1981 tratando principalmente de temas sobre a escrita da história e divulgação de documentos históricos, e, em segundo lugar, em textos que abordam mais diretamente problemas filosóficos da história como *Les noms de l’histoire* (1992) [Os nomes da história, 2014], *Le concept d’anachronisme et la vérité de l’historien* (1996) [O conceito de anacronismo e a verdade do historiador, 2011] e *Figures de l’histoire* (2012) [Figuras da história, 2018]; de outro lado, de forma um pouco mais implícita, os problemas filosóficos e teóricos em jogo na escrita da história em Rancière estão distribuídos em boa parte de sua obra de forma pontual e contextual no interior de textos diversos. Assim, com base no estudo desse arquivo bibliográfico de Jacques Rancière – compreendendo livros, capítulos, artigos, entrevistas e bibliografia passiva – o objetivo principal da pesquisa em proposição consistiu de uma apresentação e uma análise dos principais conceitos e considerações teóricas de Jacques Rancière nas áreas da escrita da história e da história intelectual, com especial atenção às noções tempo, desidentificação, identidade e subjetividade.

### *Palavras-chave:*

Teoria da história; Historiografia Francesa; Jacques Rancière; identidade; desidentificação; subjetivação.

## INTRODUÇÃO

Pode-se dizer que a relação de Rancière com a história anuncia-se timidamente no contexto de seu afastamento de Althusser quando se posiciona contra a controversa concepção althusseriana de “história sem sujeito nem fim”, em debate no começo dos anos 1970 (ALTHUSSER, 1973; LEWIS, 1972). Para Rancière, ao estabelecer uma divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual, Althusser ensinaria uma ideia de que as massas não fazem história, elas apenas conhecem a natureza: “As massas, diz Althusser, conhecem melhor a natureza, por que elas têm na produção uma relação direta com ela. Mas para a história, elas são separadas pela ideologia imposta pela classe dominante” (RANCIÈRE, 1974b, p. 31); é como se Althusser dissesse que a história não seria conhecida pelos operários senão pela mediação dos intelectuais; assim, a história seria mais difícil de conhecer que a natureza, e a política mais difícil que a produção. (RANCIÈRE, 1974b, p. 35).

Entre o final dos anos 1960 e início dos anos 1970, após os impactos na cultura e na revolução dos costumes desencadeados pelos acontecimentos do *Maião de 68*, Rancière passou a desenvolver intensa produção crítica ao conceito de ideologia de Althusser com a publicação de uma série de artigos que posteriormente foram reunidos a outros textos inéditos no livro *La leçon d'Althusser*, publicado em 1974. É oportuno lembrar que Rancière foi importante colaborador de Althusser, candidato a discípulo daquele que viria a se tornar um dos mais conhecidos filósofos marxistas do século XX. Frequentou os Seminários que Althusser ministrava na Escola Normal Superior em meados dos anos 1960 e integrou o projeto de publicação dos estudos desenvolvidos nos seminários, escrevendo um dos capítulos do livro dirigido por Althusser *Lire Le capital* (Ler O capital), à época, um dos mais importantes estudos da obra de Karl Marx.

Interessado neste debate sobre o sujeito e sobre as formas de sua emancipação ou as formas da emancipação social, num tempo em que, de um lado grassava a voga da *História Social* contra um *Historicismo* abandonado a uma história laudatória e restrita aos grandes feitos dos governantes, e, de outro, a classe operária e camponesa, objeto de desejo do sociologismo marxista que tinha nas revoltas camponesas e operárias francesas e inglesas dos séculos XVIII e XIX, um “prato cheio” para ensaiar tanto a revisão historiográfica dos eventos da era moderna, quanto para, em sua própria historiografia, apresentar a modernidade na história. Essa *História Social* estava interessada agora mais no popular do que na nobreza ou no erudito, mais no social, nas relações de classe, do

que no individual, mais nas estruturas do que nas singularidades, mais nos operários e camponeses do que no burguês, ou que “na morte do Rei”, para lembrar a metáfora Braudeliana. Foi nesse universo que a história social construiu seus objetos e conceitos, tais como a longa duração, as mentalidades, a consciência de classe.

Entretanto, Rancière desconfia do problema da procura de uma autenticidade das classes populares, de uma identidade de classe calcada numa “verdadeira cultura popular”, isto é, o desejo de retratar o autêntico operário que, muitas vezes, foi apresentado por meio de representantes sindicais e de todo o tipo de porta-vozes, partidos políticos e governos instituídos. Rancière parecia querer ir mais além. Em um mundo em que o direito e os modos de ver e de dizer estão fortemente ordenados de maneira hierárquica, isto é, estão submetidos a uma ordem que determina quem ou o que pode ou não figurar na história e quem é autorizado a pensar a história, mesmo contra uma *Escola Metódica* que se ocupou dos grandes homens, a *História Social* procurou também eleger os camponeses ou operários como representantes da cultura popular e desejou definir os principais traços de sua identidade. Mas Rancière estava agora interessado nas quebras dessas hierarquias de tempo e de espaço, entre sujeitos ativos e passivos – voltaremos a esse assunto adiante. Ele estava interessado mesmo no encontro deste sujeito da história e, por isso, também foi em busca da palavra de indivíduos e grupos que compõem as massas na história dos operários franceses do século XIX.

Esses estudos redundaram em sua tese de doutorado *La nuit des prolétaires: archives du rêve ouvrier* defendida em meados dos anos 1970, mas somente publicada em livro pela Arthème Fayard, em 1981. Esse texto tem uma tradução para o português com o título *A noite dos proletários: arquivos do sonho operário* (RANCIÈRE, 1988).<sup>1</sup> Antes da publicação da tese em forma de livro, Rancière publica, em 1976, *La parole ouvrière* [A palavra operária], uma seleção de textos apresentados em colaboração com Alain Faure, composto de manifestos corporativos, textos e regulamentos de associações operárias, proclamações socialistas e apelos à união de classes. Nesses escritos de operários da primeira metade do século XIX, tempo das utopias fourieristas, saintsimonistas e socialistas, a partir desses escritos de figuras anônimas, escritores e poetas operários que dedicavam as suas noites a produzir algo diferente do movimento

---

<sup>1</sup> As publicações de Jacques Rancière referidas ao longo deste projeto são sempre citadas em francês, anotando-se o ano da primeira edição, para colaborar na explanação cronológica de sua obra e suas traduções. Os títulos são traduzidos na sequência, mesmo aqueles que não tiveram uma tradução em língua portuguesa publicada. Nas referências optamos por listar preferencialmente as publicações em língua portuguesa dando prioridade às edições mais recentes, inclusive para os livros não traduzidos.

mecânico das fábricas, Rancière encontrou formas de quebra dessas hierarquias de temporalidades, de lugares e entre sujeitos. No começo dos anos 1970, durante os trabalhos na Universidade de Paris 8, como militante da esquerda proletária – “sobretudo como militante de base que vai à porta das fábricas e aos bairros operários distribuir panfletos, colar cartazes de madrugada [...] e participar em ações coletivas”, ressaltou Rancière – e também participando discretamente do Grupo Informação sobre as Prisões (GIP), liderado por Michel Foucault, Jacques Rancière lembra que o que era fundamental – referindo-se mais diretamente à famosa conversa de Foucault e Gilles Deleuze, *Os intelectuais e o poder*, publicada em 1972 (FOUCAULT, 1979) – era a preocupação com o fato de que o prisioneiro falava, que não dependia mais de porta-vozes. Entretanto, Rancière marca certo distanciamento crítico, pois embora partilhasse do combate à hierarquia entre os discursos, ele defendia que era igualmente importante problematizar a “tirania do autêntico” (RANCIÈRE, 2012b, p. 36, 37 *passim*). Assim, ao invés de analisar somente a jornada de trabalho, o cotidiano na fábrica ou os discursos dos representantes de associações e movimentos grevistas, Rancière estendeu seu olhar também para outros discursos, outros textos, elaborados em circunstâncias diversas; tratava-se menos de ver não apenas a vida diurna dos operários, mas também a vida noturna, as noites proletárias.

No interior desses trabalhos, Rancière procurava afastar-se de uma história sem sujeitos; pelo contrário, foi na busca da história dos operários, no estudo de sua palavra, que o filósofo encontrou um caminho para pensar sua filosofia sobre o sujeito, pensar como se constroem hierarquias entre sujeitos, saberes e fazeres que passaram a determinar, dos gregos até a era moderna, as partes exclusivas “daqueles que sabem” e a exclusão daqueles que não sabem, os “sem parte”, isto é, essa divisão entre os homens ativos e inativos que vigorou até o advento das grandes narrativas dos séculos XVIII e XIX e mesmo uma hierarquia do tempo que funcionou inclusive na sua crítica ao anacronismo no interior do debate levantado sobre o tema pelos *Annales*. (RANCIÈRE, 2011). Essa hierarquia entre os homens afortunados que participam dos negócios políticos e da cidade e os homens desafortunados, restritos à oficina, não é outra coisa senão uma forma de ordenar o mundo, as palavras e as coisas e reproduzir uma hierarquia entre sábios e ignorantes, entre “os homens de Ouro” e os “homens de Ferro” – tal como se resumia a fábula platônica – numa palavra, entre aqueles que não tem tempo, porque o trabalho não espera, e aqueles dispõem; uma ordem que coloca cada um no seu lugar e que determina os modos de dizer e de fazer que, segundo Rancière, remonta à *República*

de Platão e à *Poética* Aristóteles. Essa fábula dos homens de ferro e de ouro, supõem que o artesão, o operário ou o trabalhador não têm tempo para estar em outro lugar que não seja o lugar de sua função supostamente predeterminada – função de trabalhador subalterno poderíamos supor –, pois o trabalho não espera. Para Rancière, Platão admite que essa história de ouro e de ferro é uma fábula, mas a eficácia da fábula está em sua crença, na crença daqueles que ocupam a posição que ela legitima, a posição daquele que não tem tempo e tampouco outra opção além de crer na fábula de sua inferioridade, e, poderíamos acrescentar, a posição daquele que dispõe de tempo – por nascimento, posses ou posições hierárquicas [intelectuais] –, daqueles [sábios] que, igualmente, mas em sentido oposto, acreditam na fábula de sua superioridade. (RANCIÈRE, 2018, p. 21, RANCIÈRE, 2007, p. IV).

Nas singularidades dessa história de operários, figuras anônimas, que não apenas subvertiam seu lugar de operário, como também subverteram a própria ordem do tempo ao empregar o “tempo livre”, o tempo depois do trabalho, para, ao contrário da função reprodutora e de repouso que lhes estava reservada, tomar a palavra e constituir uma poética nova, uma vida nova, a palavra operária colocava em questão essa hierarquia naturalizada. Os arquivos dessas “noites dos proletários” constituíram matéria para a reflexão de Rancière sobre o problema da emancipação operária e da emancipação social. Aos poucos, em seus estudos sobre esses operários que apresentavam muito mais uma identidade de fronteira, uma subversão do discurso que buscava o representar, como processos de desidentificação, Rancière foi abandonando a retórica do sujeito e estabelecendo novos problemas sobre identidade e subjetividade de forma bastante original. Essas singularidades na história dos operários franceses da primeira metade do século XIX possibilitaram pensar outras “formas de ser no tempo”, formas de emancipação, portanto, outras formas de temporalidade e experiências heterogêneas de tempo que possibilitaram uma “vida nova” e que colocaram em questão uma história de grandes regularidades, estruturas e mentalidades de um tempo homogêneo e, ainda, fizeram repensar a história, na modernidade, também por meio de histórias de subversões e de descontinuidades que possibilitaram outrossim a percepção de um tempo heterogêneo e experiências de desidentificação na ordem identitária, como processos de subjetivação daqueles que, inclusive, “se comprazem em desfazer essa ordem”. (RANCIÈRE, 1992, p. 60-61). As narrativas que racionalizam a dominação e mesmo muitas daquelas narrativas que tentaram contestá-las, como as narrativas teleológicas que se orientam por uma promessa de justiça no tempo, segundo Rancière, restaram

igualmente dependentes da lógica ficcional que remonta a Aristóteles, isto é, aquela lógica que tem, de um lado, a *Poesia* como uma racionalidade ficcional capaz de inteligibilidade da ação humana, por isso mais filosófica e que diz como as coisas *podem* acontecer e, de outro, a *História* fadada aos fatos contingentes que acontecem uns após os outros. (RANCIÈRE, 2018, p. 15-19 *passim*). De um lado, os grandes homens, os homens que vivem no tempo do saber que faz justiça e, de outro, aqueles que vivem no tempo da ignorância. Nessa lógica, Para Rancière,

o discurso oficial e o discurso crítico, a ficção do progresso e do declínio voltam sempre ao círculo da necessidade e de sua ignorância. Para sair desse cenário, pode valer a pena dar um passo atrás e repensar a “justiça do tempo” a partir disso que é fundamental: a hierarquia de temporalidades, mas também a luta por aboli-la. É esse deslocamento [escreve Rancière], que eu tentei pensar através das formas de emancipação operária e da teoria da emancipação intelectual. (RANCIÈRE, 2018, p. 33).<sup>2</sup>

A abolição das hierarquias, entre elas, as hierarquias do tempo, é algo central no pensamento de Rancière: ela faz parte do pressuposto da igualdade intelectual nos processos de emancipação que Rancière encontrou no pensamento de Joseph Jacotot (1770-1840), controverso pedagogo que via no reconhecimento da igualdade das inteligências o fundamento da emancipação intelectual.<sup>3</sup> Inclusive, foi nos arquivos da palavra operária do começo do século XIX, que Rancière descobriu Jacotot, professor, doutor em letras e matemáticas, capitão de artilharia das frentes revolucionárias, que chegara ao posto de deputado em 1815. Como relator da Comissão que avaliou a abdicação de Napoleão, com a reação da Segunda Restauração, suas posições lhe custaram o exílio na Bélgica. Nos Países Baixos, Jacotot inventara um método de ensino da língua materna bastante peculiar pelo qual, além de uma abordagem analítica, defendia que é possível ensinar o que se ignora, que as inteligências são iguais e que a emancipação intelectual depende do pressuposto da igualdade intelectual.

Mas o pensamento de Jacotot, apresentado por Rancière, é desenvolvido muito mais no sentido de uma análise política e filosófica da emancipação intelectual, do que da proposição de métodos analíticos para o ensino. A emancipação intelectual, escreve

---

<sup>2</sup> Todas as citações dos originais em francês são traduções livres do autor do projeto.

<sup>3</sup> Importante assinalar que Rancière é quem reabilitou o pensamento de Joseph Jacotot, por isso, o texto fundamental sobre as ideias do pedagogo continua a ser seu livro publicado na França em 1987. Cf.: RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução de Lilian do Vale. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. Em 2015, publicamos um estudo sobre as ideias de Joseph Jacotot e a circulação de seu pensamento no Brasil: VOJNIAK, Fernando. O sujeito intelectual: as ideias de Joseph Jacotot (1770-1840) no Brasil. In: VOJNIAK, Fernando (org.). **História e linguagem**: memória e política. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

Rancière, não depende de um método em particular, ela depende de uma questão filosófica, na medida em que é preciso “saber se o ato mesmo de receber a palavra do mestre – a palavra do outro – é um testemunho de igualdade ou de desigualdade” e de uma questão política: “saber se o sistema de ensino tem por pressuposto uma desigualdade a ser ‘reduzida’, ou uma igualdade a ser verificada” (RANCIÈRE, 2002, p.11). Neste sentido, Christian Ruby assinala que o filósofo francês “se propõe a esboçar – em um sentido polêmico – uma filosofia contemporânea da emancipação” (RUBY, 2011, p. 11). Por isso, na concepção de “Política” de Rancière, o único universal possível é a igualdade. De acordo com Frederico Viana Machado,

para Rancière, em toda vida social ocorre uma distorção, um dano produzido na distribuição hierárquica dos lugares e funções, e que gera relações de opressão e identidades subalternas. Ocultar parte desta distorção é indispensável para a naturalização da distribuição das partes de uma sociedade, e a política interrompe este processo a partir de uma nomeação polêmica deste dano, questionando assim a naturalidade da distribuição hierárquica das partes a partir da contingência absoluta, que se manifesta nesta igualdade fundamental. (MACHADO, 2013, p. 267-8).

Entre o final dos anos 1960 e começos dos anos 1970, portanto, Rancière dedicou-se profundamente ao movimento estudantil e operário. Seus estudos assinalaram não apenas uma crítica ao pensamento estruturalista althusseriano, especialmente sobre o conceito de ideologia e suas concepções de uma história sem sujeito, mas, além do questionamento dos fundamentos hierárquicos da política, essa crítica também foi ampliada em direção ao questionamento de certas concepções da *História Social* – um dos principais percursos que se pretende tratar na pesquisa em proposição – e do pensamento bourdieusiano.<sup>4</sup>

A partir dessa época, então, Rancière irá dedicar trabalho significativo sobre problemas historiográficos, ainda que sua obra seja marcada por uma filosofia da estética e da política, visto que depois da primeira entrevista concedida aos *Cahiers du cinema*, em 1976, Rancière escreveu regularmente sobre cinema para a referida revista e para outros periódicos e a cadeira de Estética e Política que dirigiu na Universidade Paris 8, exigiu, naturalmente, o desenvolvimento de estudos sobre esses temas, os quais foram bastante volumosos, depois dos 1980. Com isso, não se quer dizer que não haja uma

---

<sup>4</sup> Já realizamos um estudo sobre a crítica de Rancière ao pensamento reprodutivista Cf.: VOJNIAK, Fernando. Maio de 68 e o “efeito Bourdieu”: críticas ao estruturalismo althusseriano e ao reprodutivismo bourdieusiano em Jacques Rancière. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 24, p. 341 - 377, abr./jun. 2018.

relação indissociável entre conceitos como Estética, Política, História, Ficção, Discurso e Sujeito, mas é importante não perder de vista o tema central em discussão em cada escrito integrante de uma obra extensa como é a de Rancière. O objetivo da pesquisa em proposição, portanto, foi estudar, percorrendo esta extensa obra, as principais considerações do autor sobre a atividade historiadora, isto é, os principais conceitos que dialogam com problemas da escrita da história, especialmente os conceitos de identidade, desidentificação e subjetividade.

O que se constatou foi que a obra de Jacques Rancière concentrou uma produção crítica à escrita da história principalmente nos anos 1970 e 1980, quando participou do Coletivo *Les révoltes logiques*, publicando em seu periódico homônimo, e quando apresentou o livro *Os nomes da história: ensaio de poética do saber*, a síntese mais contundente dessa crítica. Nesse período, realizou fortes críticas à história social do movimento operário. Nos anos 1990 e 2000 sua obra passa a se concentrar em análises críticas da política e da estética. Deste modo, nessa pesquisa, a partir de uma espécie de história intelectual, percorreu-se a história da trajetória intelectual de Jacques Rancière no primeiro período em direção ao segundo período que foi tratado na parte conclusiva. A pesquisa, cujos resultados serão apresentados por meio da publicação de um capítulo intitulado *Jacques Rancière: identidade, desidentificação e subjetividade* para um livro que estamos organizando juntamente com Raquel Campos da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás (UFG) e por meio do desenvolvimento de outros artigos, percorreu essa trajetória de décadas de desenvolvimento de um pensamento com atenção especial à noção de desidentificação, para demonstrar as relações das críticas à história social com o interesse do autor pela política e pela estética. Essas relações demonstram que as noções de história, política e estética não estão separadas em seu pensamento, e suas abordagens sobre o tempo, a identidade, a desidentificação e a subjetivização política demonstram as relações entre essas noções.

## REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Como dito acima, o interesse de Rancière por problemas que tocam o campo da história já apareceram no contexto do seu afastamento do pensamento de Louis Althusser e nos trabalhos de militância política e acadêmica entre o final dos anos 1960 e início dos anos 1970. Começa aí um olhar crítico sobre a *História Social*, na época, em franca ascensão na Inglaterra, na Itália e na França, especialmente com o prestígio dos *Annales* que já era representado por uma segunda geração de historiadores capitaneados por Fernand Braudel (1902-1985).

Tal como muitos estudos sobre o movimento operário que visavam uma abordagem social da história, Rancière também passa a se dedicar ao estudo dos operários na história, das revoltas camponesas e operárias e das personagens singulares do tempo dos “engenheiros da utopia”, mas, diferentemente de uma *História Social* que buscava o autêntico operário representante da cultura popular, Rancière encontrou figuras anônimas, singulares, que não se encaixavam na imagem comum do operário como autêntico representante de uma cultura popular, objeto de desejo da história social. Diferentemente de uma historiografia e de um discurso que opunham o herói operário ao inimigo burguês, ou aos artesãos ultrapassados, ou uma historiografia que procurava nas estatísticas, nas concepções gerais, nas grandes narrativas, nos tipos sociais, nas representatividades de classe, que uma longa duração poderia oferecer como média geral, e, ainda, diferentemente de uma concepção de um tempo que marca certos tipos de mentalidades mais ou menos padronizadas, características de uma unidade de tempo ou de uma estrutura, em uma palavra, uma identidade, seja do operário, do artesão, do camponês, do burguês ou do imigrante, ou propriamente uma identidade com um tempo homogêneo, Rancière encontrou aqueles operários anônimos que ousaram fazer uso – muito além do martelo – da pena e da palavra:

na minha própria abordagem [diz Rancière em entrevista a respeito das noções de tempo e identidade em *A Noite dos Proletários*], o que foi decisivo, primeiramente, foi a denúncia da visão compartilhada pela ortodoxia marxista, pela ciência histórica e até mesmo pela arqueologia foucaultiana: aquela que faz de uma certa forma de pensamento o produto de um certo tipo de identidade, ele próprio, produzido por um certo tempo histórico. Classicamente, identificava-se o movimento operário com o predomínio de um personagem social determinado, o proletário da grande indústria produzido por um certo estágio de desenvolvimento do capitalismo. Esse proletário consciente da grande indústria opunha-se ao artesão, testemunha de modos de produção ultrapassados e portador de visões utópicas. Meu trabalho me levou a ver que o movimento operário tinha sido uma invenção desses artesãos e que ‘proletário’ não era uma identidade social ligada a um tipo de produção, mas uma forma de simbolização construída. É essa forma de simbolização que

procurei reconstruir ao autonomizar a própria temporalidade. [...] Os operários que estudei em A noite dos proletários aproveitaram os intervalos de tempo vago que as vicissitudes da indústria lhes impunham para quebrar a antiga restrição enunciada por Platão: os artesão devem permanecer na oficina e não fazer nada além de seu ofício, por que o ‘trabalho não espera’. (SALOMON, 2018, p. 326-327-328)

Rancière também encontrou aqueles sujeitos que participaram e organizaram associações operárias, contribuíram com uma imprensa periódica operária, associativista, ou até cultural, na medida em que revelavam uma poética operária ao desenvolver um discurso, uma arte e uma existência que desafiava uma identificação ou uma localização num sistema hierárquico, isto é, desafiava uma representação autêntica da cultura operária, permitindo, desse modo, uma coexistência de experiências de tempo e modos de existência. Esse problema localiza-se no interior do emaranhado da relação entre estética e política, uma vez que, dos papéis operários, vieram à tona sujeitos que insistiram em fazer do pensamento e da arte instrumentos de combate às desigualdades, às condições da exploração fabril, à margem do movimento operário ou das tradições da cultura popular, na medida em que reivindicaram, na concepção rancieriana, a igualdade como princípio da política, a igualdade de seres falantes.

Segundo Rancière, esses estudos revelaram um ambiente do mundo operário no qual era preciso sair dos limites circunscritos pela hierarquia das competências que procura construir uma identificação de cada sujeito com um lugar a ser ocupado na ordem social. Não se tratava de uma oposição que tinha, de um lado, o operário típico, identificado com sua própria condição de trabalho ou seu lugar na ordem social ou, ainda, como autêntico representante de uma massa homogênea que passava então a ser designada pelo nome de “proletariado”, caracterizada por números e estatísticas, e, de outro, o burguês que também tem o seu tipo circunscrito na odisseia dos estudos de mirada social dos últimos 50 anos. O que encontrou, afinal, “não foi a autêntica palavra operária, não foi uma afirmação identitária”. Havia, escreve Rancière, “toda uma retórica, todo um jogo sobre as identidades, sobre a identidade que o outro percebe”, oposta à palavra oficial do movimento operário e, ao contrário do que buscava certa “nova história”, no sentido da procura das “autênticas tradições do movimento operário”, o que os arquivos permitiam dizer sobre a palavra dos operários, por conseguinte, era algo que “não tinha nada a ver com a cultura operária tradicional, as festas populares, senão que queriam apoderar-se do que até aquele momento era a palavra do outro, o privilégio do outro”. Portanto, não foi uma forma de identificação com a tradição operária que Rancière

encontrou nos arquivos, mas o contrário, isto é, aquilo que poderíamos designar de formas de “desidentificação” que concorriam para sua crítica ao que talvez hoje possa ser identificado com o identitarismo, no sentido de que não se tratava da “ideologia operária contra a burguesa [...] mas fenômenos deflagradores do conflito ideológico e social [...] que ocorrem na fronteira” (RANCIÈRE, 2012b, p. 41-43 *passim*). Para Rancière, conforme assinalou recentemente em entrevista, “a questão para os operários que procuravam emancipar-se era a de sair de um mundo onde deviam agir como operários” (AUGUSTO, 2017).

Mais tarde, Rancière aprofundou suas críticas à *História Social* no âmbito do *Collectif Les Révoltes Logiques* [Coletivo As Revoltas Lógicas] e das publicações do periódico *Les Révoltes Logiques*, que circulou em edições semestrais entre 1975 e 1981. O objetivo do Coletivo era construir “uma outra memória” da revolta operária, diferente daquela “dos mestres”, das “representações de história construídas sobre o tema do crepúsculo dos heróis” que oferecia, em contrapartida, a afirmação da “incapacidade das massas e sua sede de servidão”. Era um objetivo que se contrapunha a uma história da “longa duração”, das “grandes regularidades de uma história imóvel, limitada pela natureza e pelas epidemias” como “memória do trabalho e dos dias do povo” que “reserva às elites o cuidado da mudança”. (LES REVOLTES LOGIQUES, n. 1, 1975). Nesses textos inaugurais, impressos nos versos da capa e da contracapa do primeiro número de *Les Révoltes Logiques*, é claramente perceptível que o alvo era o questionamento de certas concepções dos *Annales*. Em contraposição, pretendia-se constituir uma memória que reagisse à imposição do Estado de uma “história de mestres que não conhecem a revolta operária nem a camponesa” ou certos “esquerdistas [*gauchistes*] do Partido que tinham no discurso histórico a auto-justificação de suas políticas”. O Coletivo procurava restituir ao debate o “pensamento de baixo” e, diferentemente das “genealogias oficiais da subversão”, ele propunha afirmar as “reais formas de elaboração, circulação, reapropriação e ressurgimento” da revolta operária, suas “características contraditórias e os fenômenos internos de micro-poderes” a ela inerentes. Tratava-se de interrogar “a história a partir da revolta e a revolta a partir da história” (LES REVOLTES LOGIQUES, n. 1, 1975; ROSS, 2002, p. 126, 127).

Rancière fazia uma espécie de incursão visível na história como uma forma de fazer filosofia, ou melhor, desenhava uma trajetória que produziu um pensamento na intersecção da história com a filosofia. Essa característica é percebida tanto nos trabalhos do periódico *Les Révoltes Logiques*, quanto na sua tese de doutorado, que lhe rendeu

problemas de aceitação das editoras para sua publicação e que teve certa incompreensão no meio acadêmico, já que, como admitiu Rancière, “se tratava de um trabalho que para os filósofos não era filosofia e para os historiadores não era história” (RANCIÈRE, 2012b, p. 46). Nas décadas seguintes Rancière passa a se dedicar mais intensamente aos cursos que dirigia no Departamento de Filosofia, na Paris 8, em *Saint-Dennis*, principalmente sobre estética e política. Neste sentido, nos anos 1980, 1990 e 2000, sua obra priorizará esses temas. Nesse longo período, Rancière colaborou, como já dito, para os famoso *Cahiers du Cinéma* e publicou diversos livros em que os temas principais são estética e política, com destaque para *Le philosophe et ses pauvres* (1983) [O filósofo e seus pobres] *Le maître ignorant* (1987) [O mestre ignorante, 2002], *La mésestinte* (1995) [O desentendimento, 1996], *Aux bords du politique* (1998) [Nas margens do político, 2014], *L'inconscient esthétique* (2001) [O inconsciente estético, 2009], *Le destin des images* (2003) [O destino das imagens, 2012], *La haine de la démocratie* (2005) [O ódio à democracia, 2014] e os mais recentes *Le fil perdu* (2014) [O fio perdido, 2015], *Les bords de la fiction* (2017) [Às margens da ficção] e *Les temps modernes. Ars, temps, politique* (2018) [Os tempos modernos: arte, tempo, política].

Nesses estudos, de uma forma mais pontual, Rancière demonstrou algumas questões que remetem aos problemas da história, quer seja quando se reportava ao seu arquivo operário, do qual emergiu a figura de Joseph Jacotot e os problemas da emancipação e da igualdade das inteligências, quer seja quando os problemas da estética e da política remetiam a conceitos comuns ao ofício do historiador, tais como imagem, ficção, sujeito, narrativa, verdade, tempo e discurso, por exemplo. Mas a história não foi tratada apenas deste modo que podemos chamar de indireto, pois a teoria da história foi o objeto principal de alguns de seus trabalhos. Os mais recentes são *O conceito de anacronismo e a verdade do historiador* (RANCIÈRE, 2011) e *A partilha do sensível* (RANCIÈRE, 2005), este último tratando principalmente da relação entre ficção e história em um capítulo específico.<sup>5</sup> Há outros textos ainda que merecem destaque: *Os nomes da história: ensaio de poética do saber*, publicado na França ainda em 1992, tendo traduções em português datadas de 1994 e 2014, livro que se dedica a uma crítica explícita aos *Annales* e o livro *Figures de l'histoire*, publicado em francês, em 2012, e traduzido e publicado pela Editora UNESP, no Brasil, em 2018, com o título “Figuras da História”,

---

<sup>5</sup> RANCIÈRE, Jacques. Se é preciso concluir que a história é ficção. Dos modos da ficção. In: RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**. Estética e política. Tradução Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org.; Ed. 34, 2005, p. 52-62.

no qual Rancière se dedica mais intensamente às suas considerações teóricas no campo da história numa surpreendente análise de obras documentais, históricas e artísticas.

De forma direta e indireta, portanto, problemas historiográficos, conceitos relacionados ao campo da história e uma filosofia da história estão distribuídos em quase toda a obra do filósofo. Nesse sentido, o desafio foi explorar mais profundamente os temas da historiografia contemporânea na obra de Rancière, principalmente a partir das suas considerações que se relacionam mais diretamente com os problemas historiográficos, que estão distribuídas tanto em sua obra como nos trabalhos de estudiosos dessa obra. Entre esses últimos, formando um conjunto ainda pouco numeroso de trabalhos, podem ser destacados *Rancière y lo político*, de Christian Ruby, *Jacques Rancière: Key Concepts*, de Jean-Philippe Deranty, *Jacques Rancière: an introduction*, de Joseph J. Tanke, *Pratiquer l'égalité*, de Anders Fjeld, *De Bergson a Rancière*, de Marlon Salomon e Fábio Ferreira de Almeida, *Subjetivação política e identidade: contribuições de Jacques Rancière para a psicologia política*, de Frederico Viana Machado, *História e representação: a abordagem de Jacques Rancière* e *Jacques Rancière e a história: uma introdução*, ambos de autoria de André Voigth e *A thorn in the side of social history: Jacques Rancière and Les Révoltes logiques*, de Mischa Suter.

Se já parece mais visível o caminho de uma interpretação do pensamento de Jaques Rancière no sentido de perceber a noção de temporalidade como a possibilidade de um tempo heterogêneo, a noção de desidentificação aparece também como outra possibilidade para pensar a história, a estética, a política, a identidade e a subjetividade.

Remetendo-se a um estudo de Juan Blanco e Lucas Martin que relaciona o pensamento de Rancière e Paul Ricœur, Frederico Viana Machado analisa a noção de “subjetivação política” nos processos de “partilha do sensível” – conceito que define não apenas os lugares e os modos de participação na ordem hierarquizada, como também, contra a hierarquia, o questionamento do erro de contagem na distribuição das partes de um comum partilhado que situa o problema da desigualdade e da igualdade na política. Segundo o autor, “um processo de subjetivação política compreende a possibilidade de questionar não apenas a conta de cada parte em um sistema partilhado, mas o próprio processo de contar as partes, separando-as hierarquicamente” (MACHADO, 2013, p. 269). Para o autor, na subjetivação política, existe um processo de desidentificação que é sucedido por um processo de reidentificação, mas não como processos distintos e sim numa mesma aparição que, a partir da transcendência por subjetivação da ordem

constituída, aparece como desidentificação e, pela novidade que irrompe, aparece como (re)identificação. (MACHADO, 2013, p. 269).

A pesquisa avançou bastante na revisão da bibliografia. Foram analisados diversos novos textos em diversas línguas, pois além das obras traduzidas para o português, estudamos textos em francês, inglês e espanhol. A seguir listamos as referências fundamentais que ampliaram a análise bibliográfica:

Althusser, Louis. *Réponse à John Lewis*. Paris, François Maspero, 1973.

Borreil, Jean; Fraisse, Geneviève; Rancière, Jacques. Centre de Recherche sur l'Idéologie de la Révolte. *Définition des objectifs et projets de recherches pour l'année 1975*. Editions Horlieu., [1975].

Chambarlhac, Vincent. "Nous aurons la Philosophie féroce". *Les Révoltes Logiques*, 1975-1981. *La Revue des revues*. N. 49, Vol. 1, 2013, [p. 30-43].

Choix des Annales. In. *Annales*. Économies, sociétés, civilisations. 32<sup>e</sup> anné, N. 1, 1977.

Collectif des Révoltes Logiques. Les lauriers de Mai ou les chemins du pouvoir. *Les Révoltes Logiques*. Numéro Special, 1978, [p. 3-6].

Dufrancatel, Christiane. Les amants de la liberte? Stratégies de feme, luttés républicaines, luttés ouvrières. *Les révoltes logiques*, n. 5, 2<sup>e</sup>me trimestre, 1977, p. 61-93;

Elhadad, Lydia. Femmes prénommées: les prolétaires Sain-Simoniennes rédactrices de "La Femme Libre" 1832-1834 (1<sup>ère</sup> partie). *Les révoltes logiques*, n. 4, 1<sup>er</sup>. Trimestre, 1977, p. 62-88;

Elhadad, Lydia. Femmes prénommées: les prolétaires Sain-Simoniennes rédactrices de "La Femme Libre" 1832-1834. *Les révoltes logiques*, n. 5, 2<sup>e</sup>me trimestre, 1977.

Fraisse, G. Des héroïnes symboliques? Celle qui écrit et celle qui parle: George Sand et LLouise Michel. *Les révoltes logiques*. n. 6, 4<sup>e</sup>me trimestre, 1977, p. 35-76.

Fraisse, G. Des femmes présents (notes à propos de l'article precedente). *Les révoltes logiques*. n. 8/9, 1979, p. 123-125.

Fjeld, Anders. *Jacques Rancière. Pratiquer l'égalité*. Paris: Michalon Éditeur, 2018.

Foucault, Michel. Manifesto do Grupo de Informação sobre as Prisões. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Ditos e Escritos, Estratégia, poer-saber. Rio de janeiro: Forense Universitária, [1971] 2003.

*Les révoltes logiques*. Centre de Récherche sur l'Ideologie de la Révolte. n. 1, 1975, grifos originais/dos autores.

*Les révoltes logiques*. Numéro Spécial, 1978.

*Les révoltes logiques*. n. 13, 1981.

Marques, Ângela Cristina Salgueiro; Prado, Marco Aurélio Máximo. Diálogos e dissidências: Michel Foucault e Jacques Rancière. Curitiba: Appris, 2018.

Questions d'identité [editorial]. *Les révoltes logiques*, n. 13, 1ère trimestre, 1981.

Rancière, Jacques. Politics, Identification and Subjectivization. *October*, Vol. 61, The Identity in Question. Summer, 1992, [pp. 58-64].

Rancière, J. *O desentendimento: política e filosofia*. Trad. Angela Leite Lopes. São Paulo: Ed. 34, 1996.

Rancière, J. *El desacuerdo: Política y filosofía*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1996

Rancière, J. Postface. In: Rancière, Jaques; Faure, Alain. *La parole ouvrière*. Textes choisis et presentes par Alain Faure et Jacques Rancière. Paris, La Fabrique Éditions, 2017, p. 332-342.

Rancière, J. Aesthetic separation, aesthetic community, p. 51. In: Rancière, J. *The emancipated spectator*. London; New York: Verso, 2009.

Rancière, J. *La méthode de l'égalité*. Entretien avec Laurent Jeanpierre et Dork Zabunyan, Paris: Bayard, 2012.

Rancière, J. El metodo de la igualdad. Conversaciones con Laurent Jeanpierre y Dork Zabunyan. Trad. Pablo Betesh. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision, 2012.

Rancière, J. *La leçon d'Althusser*. Paris, Editions Gallimard, 1974.

Rancière, J. *La lección de Althusser*. Trad. Augustina Blanco. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2014.

Rancière, J. *A noite dos proletários*. Tradução de Marilda Pedreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

Rancière, J. *La nuit des prolétaires: archives du rêve ouvrier*. Paris: Artheme Fayard, 1981.

Rancière. Democracy means equality. Interview Jacques Rancière. *Randical Philosophy*. N. 82, mar. abr., 1997.

Rancière, Jaques. Histoire des mots, mots de l'histoire. In: Rancière, J. *Et tant pis pour les gens fatigués*. Entretiens. Paris: Éditions Amsterdam, 2009, p. 75. Entrevista originalmente publicada em *Communications*, n. 58, 1994.

Rancière, J. Les maillons de la chaîne: prolétaires et dictatures. *Les Révoltes Logiques*. n. 2, 1976.

n. 4, 1ère trimestre, 1977.

Rancière, J. Le bon temps ou la barrière des plaisirs. *Les Révoltes Logiques*. n. 7, 2ème trimestre, 1978.

Rancière, J. L'excès des mots: pratiques de desidentification et logiques heterogènes de la culture. Entretien avec Jacques Rancière réalisé par Maria-Benedita Basto et José Neves. *Práticas da História – Journal on Theory, Historyography and Uses of the Past*. Vol. 1 (1) 2015, p.184-214.

Rancière, J. Une femme encombrante (à propos de Suzane Voilquin). *Les révoltes logiques*. n. 8/9, 1979, p. 116-122;

Rancière, J. De Pelloutier a Hitler: syndicalisme et collaboration. *Les révoltes logiques*.

Rancière, Daniele; Rancière, Jacques. La légende des philosophes (Les intellectuels et la traversée du gauchisme). *Les révoltes logiques*. Numéro Special, 1978.

Rancière, J. Le prolétaire et son double ou le philosophe inconnu. *Les révoltes logiques*, n. 13, 1ère trimestre ,1981, p.6.

Rancière, J. Et tant pis pour les gens fatigués. In: Rancière, J. *Et tant pis pour les gens fatigués: entretiens*. Paris, Editions Amsterdam, 2009, [p. 35-41], p. 35-36.

Rancière, Jacques. *La méthode de l'égalité: entretien avec Laurent Jeanpierre et Dork Zabunyan*. Paris: Bayard, 2012, p. 55.

Rancière, J. Révoltes logiques: La Contre-histoire. *L'Ane*, n. 1, 1981.

Rancière, Jaques. A noite dos proletários. Arquivos do sonho operário. Trad. Luís Leitão. Lisboa: Antígona, 2012.

Rancière, J. L'excès des mots: pratiques de desidentification et logiques heterogènes de la culture. Entretien avec Jacques Rancière réalisé par Maria-Benedita Basto et José Neves. *Práticas da História – Journal on Theory, Historyography and Uses of the Past*. Vol. 1 (1) 2015, [p.184-214].

Rancière, J. Postface. In: Rancière, Jaques; Faure, Alain. *La parole ouvrière*. Textes choisis et presentes par Alain Faure et Jacques Rancière. Paris, La Fabrique Éditions, 2007, p. 332-342.

Rancière, J. Aesthetic separation, aesthetic community, p. 51. In: Rancière, J. *The emancipated spectator*. London; New York: Verso, 2009, p. 51-82.

Rancière, J. *El filosofo y sus pobres*. Trad. Marie Bardet y Nathalie Goldwaser. Los Polvorines: Universidad General Sarmiento; Buenos Aires: INADI, 2013.

Ross, Kristin. *May '68 and its afterlives*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 2002.

Salomon, Marlon. A história como multiplicidade temporal: entrevista com Jacques Rancière. In: Salomon, M. (Org.). *Heterocronias: estudos sobre a multiplicidade dos tempos históricos*. Goiânia: Edições Ricochete, 2018.

## **OBJETIVO GERAL**

O objetivo geral proposto foi:

A partir da realização de um estágio pós-doutoral de 12 meses (31/12/2020 a 30/12/2021) sob orientação do prof. Marcelo Burello da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires, na Argentina, analisar os principais conceitos e as principais considerações teóricas relacionadas à teoria da história no pensamento de Jacques Rancière com especial atenção às concepções de tempo que ele analisa e o que elas podem implicar nas noções de identidade/desidentificação e, ainda, testar a hipótese de que a articulação dessas noções permite formular uma síntese original das concepções de Rancière em torno do campo da história.

O objetivo geral foi atendido. Nossa síntese foi elaborada principalmente em torno da noção de desidentificação.

## **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Os objetivos propostos foram:

- Levantar os principais textos da obra de Jacques Rancière que se relacionam com o objetivo geral da pesquisa;
- Fichar os textos levantados observando os conceitos e as concepções do autor que se relacionam com a teoria da história;
- Analisar os principais conceitos que têm uma relação mais estreita com a história, tais como os conceitos de tempo, subjetivação/desubjetivação, identidade/desidentificação, anacronismo, ficção, verdade, estética e política;
- Levantar e analisar autores que se situam no debate atual da historiografia e relacioná-los/compará-los com o pensamento de Jacques Rancière;
- Levantar as principais considerações teóricas possíveis de se depreender das concepções sobre história que, na obra do autor, são constituídas na articulação dos principais conceitos que serão analisados;
- Produzir sínteses das concepções e conceitos do autor articuladas ao pensamento historiográfico contemporâneo;
- Estabelecer parcerias de pesquisa e trabalho coletivo principalmente com a Universidade de Buenos Aires, na Faculdade de Filosofia e Letras, a qual administra as

carreiras na área interdisciplinar e na área de história, mas também com outras universidades argentinas e buscar uma aproximação do Grupo de Pesquisa Historiografia, Linguagens e Memória (GP-HLM) – grupo cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa e certificado pela CAPES e do qual, atualmente, sou líder – e do PPGICH-UFFS com centros de pesquisa estrangeiros de interesses comuns;

- Publicar artigos científicos e capítulos de livros sobre o tema.

### *Considerações importantes*

Em razão da Pandemia de Covid-19, muitas dificuldades se interpuseram ao trabalho. As fronteiras da Argentina voltaram a ser fechadas no fim de 2020, quando nossa viagem e estadia estavam programadas, e só voltariam a reabrir em outubro de 2021. Nesse período foi impossível realizar pesquisas na UBA e na Biblioteca Nacional Mariano Moreno (BNMM) em Buenos Aires entre outras bibliotecas. O professor Marcelo Burello sugeriu a troca de orientador. As incertezas causadas pela acentuação da pandemia e a troca de orientador consumiram o primeiro trimestre de 2021. O agravamento da pandemia nesse momento e as incertezas quanto à abertura das fronteiras no país vizinho resultaram em diversas reprogramações da viagem e da estadia, situação que persistiu até o segundo semestre.

A partir de abril de 2021, também em razão das incertezas dos rumos da pandemia, o professor Marcelo Burello sugeriu a troca de orientador que só foi concretizada em Julho de 2021 com o aceite do prof. Walter Romero, também da *Facultad de Filosofía y Letras* da UBA, responsável pela Cátedra de Literatura Francesa. Nesse primeiro semestre, sem muitas alternativas, a pesquisa se concentrou na análise bibliográfica e nos fichamentos. No segundo semestre, as relações com Walter Romero se estreitaram e pude acompanhar as classes virtuais da Cátedra de Literatura Francesa.

A partir de outubro, finalmente foi possível viajar para Buenos Aires e estabelecer residência temporária no país, entretanto, ainda em razão da Pandemia, as atividades presenciais não haviam sido reestabelecidas. Conseguimos desenvolver pesquisas na BNMM em Buenos Aires e realizar reuniões periódicas com o professor supervisor. Ainda que o período de realização do estágio pós-doutoral se encerrasse em 30/12/2021, os objetivos de estabelecimento de parcerias no sentido de colaborar com a internacionalização da UFFS, tiveram efeitos somente no ano seguinte. Solicitamos Licença Capacitação entre os meses de fevereiro e abril de 2022 para tentar amenizar as dificuldades enfrentadas nos períodos mais críticos da pandemia no que se referia às

parcerias pretendidas com os professores e estudantes da UBA. Nesse momento, a UBA retornou às atividades presenciais e as bibliotecas voltaram a abrir. A convite do professor Walter Romero, participei do Grupo de Estudos ligado à Cátedra de Literatura Francesa e apresentei parte dos resultados da pesquisa e também um resumo panorâmico da obra de Rancière no evento “Coversatórios” do Instituto de Investigación en Humanidades, do Colégio Nacional de Buenos Aires (UBA), com o título “Jacques Rancière: história, estética e política”. A apresentação está disponível no Youtube no seguinte endereço eletrônico:

<https://www.youtube.com/watch?v=3GW7xZuhhwk&t=750s>

**CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO E PLANO DE ATIVIDADES (ATIVIDADES REALIZADAS)**

<b>2021</b>			
<b>Janeiro/Março</b>	<b>Abril-Junho</b>	<b>Julho-Setembro</b>	<b>Outubro-Dezembro</b>
<p>- Levantamento bibliográfico e leitura de textos especializados;</p> <p>- Coleta das fontes. Realizado</p> <p>- Participação em cursos e seminários de interesse da pesquisa na universidade de Buenos Aires (UBA) (Obs. Item não realizado nesta fase em razão da Pandemia de Covid-19)</p>	<p>- Levantamento bibliográfico e leitura de textos especializados;</p> <p>- Coleta das fontes (manuscritas, áudio-visuais e impressas);</p> <p>- Análise e organização das fontes;</p> <p>- Participação em cursos e seminários de interesse da pesquisa na UBA. (Obs. Item não realizado nesta fase em razão da Pandemia de Covid-19)</p>	<p>- Levantamento bibliográfico e leitura de textos especializados;</p> <p>- Coleta das fontes;</p> <p>- Análise e organização das fontes;</p> <p>- Participação em cursos e seminários de interesse da pesquisa. (Obs. Participamos à distância das classes virtuais da Cátedra de Literatura Francesa coordenada pelo professor orientador Walter Romero (UBA))</p>	<p>- Análise e organização das fontes;</p> <p>- Redação final do relatório de pesquisa;</p> <p>- Participação em cursos e seminários de interesse da pesquisa.</p>

## RELEVÂNCIA DA REALIZAÇÃO DO ESTÁGIO NO EXTERIOR

A pesquisa ganhou muito com os estudos realizados principalmente na Biblioteca Nacional Mariano Moreno (BNMM), em Buenos Aires. O estudo da obra de Rancière trazida para o espanhol contribuiu com uma melhor tradução da obra de Jacques Rancière, uma vez que os textos em francês e em inglês que não possuem tradução em português, mas que possuem tradução em espanhol, puderam ser consultados durante as pesquisas e permitiram uma compreensão mais abrangente e mais profunda da obra do autor.

A parceria com Walter Romero será continuada. Temos a previsão da realização de um evento sobre Jacques Rancière em novembro de 2022 sobre a efeméride dos 30 anos da publicação de *Os nomes da história: ensaio de poética do saber*. O evento está sendo organizado em parceria com Raquel Campos da UFG e terá colaboração do Prof. Walter Romero; ele vem nos auxiliando com a possibilidade de colaboração de professores argentinos e uruguaios com capítulos para o livro que estamos organizando, além da possibilidade de confirmar sua participação e de outros professores no evento.

Ainda que prejudicada pela pandemia, as parcerias foram estabelecidas e apontam para uma continuidade promissora neste ano de 2022 e, oxalá, pelos próximos anos. Cremos que, além das parcerias em publicações e eventos, haverá a possibilidade de realização de outras futuras atividades conjuntas.

## RESULTADOS E PRODUTOS

Os resultados da pesquisa estão sendo transformados em artigos e capítulos de livro. O trabalho mais avançado é a publicação de um capítulo intitulado *Jacques Rancière: identidade, desidentificação e subjetivação* que será publicado em um livro em organização com Raquel Campos (Faculdade de História - UFG). O livro ainda não possui título, porém já conta com oito capítulos previstos e está em fase de negociação da publicação com editoras nacionais.

Uma versão de nosso capítulo escrito para o livro foi anexada no processo de prestação de contas do Pós-Doutorado para consulta dos membros do NPPD, porém não para constar no Repositório Institucional. O livro terá 04 partes compostas de textos originais dos organizadores e de textos originais ou traduzidos de autores de diferentes países, muitos deles, autores consagrados como os renomados historiadores Hayden White e Arlette Farge, a professora da Universidade de Nova Iorque, Kristin Ross e os professores Gabriel Rockhill e Dork Zabunyan, ambos especialistas em Rancière. Os textos desses autores já foram traduzidos.

Proposta do livro:

**APRESENTAÇÃO** (*Fernando Vojniak e Raquel Campos – orgs.*)

### **PARTE I – JACQUES RANCIÈRE E AS PALAVRAS DA HISTÓRIA**

A HISTÓRIA COMO ADVENTO *Arlette Farge*

O REVISIONISMO DE RANCIÈRE *Hayden White*

### **PARTE II – JACQUES RANCIÈRE E A LITERATURA**

JACQUES RANCIÈRE – LITERATURA E HISTÓRIA (título provisório) *Raquel Campos*

TEXTO AINDA SEM TÍTULO (*A definir - Supervisor do Pós-doc – UBA*)

TEXTO AINDA SEM TÍTULO (*A definir - Supervisor do Pós-doc – UBA*)

### **PARTE III – A INTEMPESTIVIDADE DO PENSAMENTO DE JACQUES RANCIÈRE**

JACQUES RANCIÈRE: IDENTIDADE, DESIDENTIFICAÇÃO E SUBJETIVAÇÃO  
*Fernando Vojniak*

DESVENDANDO A HISTORICIDADE DA INTEMPESTIVIDADE *Kristin Ross*

### **PARTE IV – ESTÉTICA E POLÍTICA**

AS CONTRADIÇÕES PRODUTIVAS DE RANCIÈRE: DAS POLÍTICAS DE ESTÉTICA À POLITICIDADE DA PRÁTICA ARTÍSTICA *Gabriel Rockhill*

JACQUES RANCIÈRE – O CINEMA E O POVO *Dork Zabunyan*

Além do livro, seguiremos nos trabalhos de adaptação dos resultados da pesquisa para outras formas de divulgação tais como artigos para periódicos científicos e apresentações para eventos, cursos e palestras.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Réponse a John Lewis**. Paris, François Maspero, 1973.
- CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2 ed. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2010.
- DERANTY, Jean-Philippe. **Jacques Rancière**. Key Concepts. Nova Iorque: Routledge, 2014.
- FAURE, Alain; RANCIÈRE, Jacques. **La parole ouvrière**. Textes choisis et presentes par Alain Faure et Jacques Rancière. Paris, La Fabrique Éditions, 2017.
- FJELD, Anders. **Jacques Rancière**. Pratiquer l'égalité. Paris: Michalon Éditeur, 2018.
- FOUCAULT, Michel. Os intelectuais e o poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, p. 69-78.
- HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências de tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução do original alemão Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.
- LEWIS, John, The Althusser Case. Part 1. Marxist Humanism. **Marxism Today**. London: CPGB, Jan., 1972, p. 23-28.
- LES REVOLTES LOGIQUES. **Cahiers du Centre de Recherches sur les Idéologies de la Révoltes**. Paris: Solin, n. 1, hiver, 1975.
- MACHADO, Frederico Viana. Subjetivação política e identidade: contribuições de Jacques Rancière para a psicologia política. **Psicologia Política**. vol.13, no. 27, São Paulo, Ago. 2013, p. 261-280.
- RANCIÈRE, Jacques. **A noite dos proletários**. Tradução de Marilda Pedreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- RANCIÈRE, Jacques. **Aux bords du politique**. Gallimard, 2012a.
- RANCIÈRE, Jacques. **El método de la igualdad**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2012b.
- RANCIÈRE, Jacques. **Figuras da história**. Tradução Fernando Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- RANCIÈRE, Jacques. **La leçon d'Althusser**. Paris, Editions Gallimard, 1974b.
- RANCIÈRE, Jacques. **Le philosophe et ses pauvres**. Paris: Flammarion, 2007.
- RANCIÈRE, Jacques. **Les bords de la fiction**. Paris: Edition du Seuil, 2017.
- RANCIÈRE, Jacques. **Les temps modernes**. Art, temps, politique. Paris: La Fabrique, 2018.

- RANCIÈRE, Jacques. Modo de usar – para uma reedição de “Lire Le Capital”. **Estudos CEBRAP**, n. 7. São Paulo: Edições CEBRAP, 1974a.
- RANCIÈRE, Jacques. O conceito de anacronismo e a verdade do historiador. In: SALOMON, Marlon. **História, Verdade e Tempo**. Chapecó: Argos, 2011, 21-49.
- RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento**: política e filosofia. São Paulo: 34, 1996a.
- RANCIÈRE, Jacques. **O destino das Imagens**. Tradução de Mônica Costa Netto. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012c.
- RANCIÈRE, Jacques. **O fio perdido**. Ensaio sobre a ficção moderna. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- RANCIÈRE, Jacques. **O inconsciente estético**. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: Ed. 34, 2009.
- RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução de Lílian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- RANCIÈRE, Jacques. **O ódio à democracia**. Tradução de Marian Echalar. São Paulo: Boitempo, 2014.
- RANCIÈRE, Jacques. Sens et figures de l’histoire. In: AMELINE, Jean-Paul (Ed.) **Face à l’histoire (1933-1996)**: l’artiste moderne devant l’événement historique. Paris: Flammarion; Centre George Pompidou, 1996b, p. 20-27.
- RANCIÈRE, Jacques. **Sobre a teoria da ideologia**: a política de Althusser. Porto: Portucalense, 1971.
- RANCIÈRE, Jacques. Politics, Identification and Subjectivization. **October**, Vol. 61, The Identity in Question. Summer, 1992, pp. 58-64.
- ROSS, Kristin. **May’68 and its afterlives**. Chicago; London: The University of Chicago Press, 2002.
- RUBY, Christian. **Rancière y lo político**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2011.
- SALOMON, Marlon; ALMEIDA, Fábio Ferreira. **De Bergson a Rancière**: Pensar a filosofia francesa do século XX. Goiânia: Edições Ricochete, 2017.
- SIRINELLI, Jean-François. **Abrir a história**: novos olhares sobre o século XX francês. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- SUTER, Mischa. A thorn in the side of social history: Jacques Rancière and Les Révoltes logiques. **International Instituut voor Sociale Geschiedenis**. s. l. s. n. N. 57, 2012, p. 61-85.
- TANKE, Joseph J. **Jacques Rancière**: an introduction. Philosophy, Politics, Aesthetics. Londres; Nova Iorque: Continuum International Publishing Group, 2011.
- VOIGT, André. História e representação: a abordagem de Jacques Rancière. **Revista de Teoria da História**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás. Ano 6, N. 12, Dez, 2014, p. 308-336.

VOIGT, André. Jacques Rancière e a história: uma introdução. **Cadernos de História**. Belo Horizonte, v. 19, n. 30, 1º sem. 2018, p. 211-234.

VOJNIAK, Fernando. Maio de 68 e o “efeito Bourdieu”: críticas ao estruturalismo althusseriano e ao reprodutivismo bourdieusiano em Jacques Rancière. **Tempo & Argumento**. Florianópolis, v. 10, n. 24, p. 341 - 377, abr./jun. 2018.

VOJNIAK, Fernando. O sujeito intelectual: as ideias de Joseph Jacotot (1770-1840) no Brasil. In: VOJNIAK, Fernando (org.). **História e linguagem: memória e política**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.